

Antístenes de Atenas
Os discursos de Ájax e Odisseu, que disputam as armas de Aquiles
Tradução de Carlos de Almeida Lemos

ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

OS DISCURSOS DE ÁJAX E ODISSEU, QUE DISPUTAM AS ARMAS DE AQUILES

Antístenes de Atenas

Tradução:
Carlos de Almeida Lemos
Pesquisador Associado do Laboratório OUSIA
Universidade Federal do Rio de Janeiro

O discurso de Ájax

(1) Dado o caso, queria que aqueles a nos julgar fossem principalmente os que estavam presentes aos acontecimentos; pois que os que me veem com os olhos me veem em silêncio, para estes então nada mais haveria a dizer; agora, partidos os que testemunharam as próprias ações, vós, na verdade, não julgais nada do que foi visto. Qual justiça é essa de juízes que não sabem dos acontecimentos a não ser através de discursos? O que acontece resulta de uma ação. (2) Eu, carregando, cuidei realmente do corpo de Aquiles, e este aqui presente, das armas, sabendo eu que os troianos não desejavam mais as armas do que se apropriarem do cadáver. Pois desta maneira se apropriariam deste, tendo chegado ao corpo como resgate do de Heitor a ser recuperado; na verdade estas armas não ofereciam aos deuses, mas as esconderiam (3), temendo este bom homem a minha frente, que antes já havia pilhado a estátua da própria deusa ao abrigo da noite, como se mostrasse aos Aqueus que fazia uma boa coisa. Aspiro receber as armas para restituí-las aos amigos, enquanto que este para vendê-las, pois, de fato, não ousaria servir-se delas. Não, nenhum covarde poderia servir-se de armas insignes, pois o covarde sabe que as armas revelam sua covardia. (4) De fato, então tudo isso é quase igual. Pois os organizadores desta disputa, que se mostram como reis, confiaram a outros decidir acerca da virtude, esses que nada viram vão julgar o que não viram. Eu mesmo sei isto, que um rei considerado não confiaria a outros decidir acerca da virtude, não mais que

Antístenes de Atenas
Os discursos de Ájax e Odisseu, que disputam as armas de Aquiles
Tradução de Carlos de Almeida Lemos

um bom médico não cederia a outro o diagnóstico da doença. (5) E mais, se fosse enfrentar um homem de minha classe, ser vencido não faria diferença; agora não pode haver diferença maior do que a entre mim e esse. Pois nada faz manifestamente, enquanto eu não ousaria agir às escondidas, eu ainda não suportaria ouvir que falassem mal de mim, nem que me fizessem mal, esse se deixaria pender pelos pés se disso tirasse proveito. (6) E ainda permitiria ser chicoteado pelos escravos, levar pranchadas nas costas, socos no rosto, e em seguida vestido de andrajos penetrar na noite as muralhas do inimigo e cometer um roubo sacrílego. Tudo isso reconheceu ter feito, e poderá até persuadir dizendo que fez bem. E vem agora o flageladinho, o profanador, se apresentar como merecedor das armas de Aquiles? (7) Eu, de minha parte, vos digo assim, vós que decidis e julgais sem ter visto, não decidais acerca da virtude tendo em vista os discursos, porém mais os atos. Pois a guerra não se decide com discurso, mas com atos; contra os inimigos não há contradição, é, em silêncio, ou vencer o combate ou ser escravizado. Observai e tende em vista essas coisas; se não julgais bem, sabeis que o discurso nada traz contra a força do ato, (8) um homem não pode socorrer-vos com discursos, tende o conhecimento exato de que há dificuldades nos atos se se dizem muitos discursos longos. Então ou dizei que não dais ouvido ao que digo, e saí, ou julgai corretamente. Se julgais, não vos [conduzais] às escondidas, mas manifestamente, a fim de que compreendais que mesmo os que julgam estão sob direito se não julgam corretamente. Continuando, sabeis que não decidis a partir do que é dito, mas baseados na opinião. (9) Eu, de minha parte, confio que vós tireis a conclusão a partir de mim e do que é meu, e proíbo a todos de se basearem na opinião, e isso acerca desse homem que veio para Tróia não com boa, mas com má vontade, e acerca de mim, designado sempre como o primeiro, sozinho, sem muralha.

O discurso de Odisseu

(1) O discurso por que me ponho de pé não é só para ti, mas também para todos os outros; pois eu mais que vós prestei serviços ao exército. Com ele lamento Aquiles, fosse ele vivo, mas agora morto, é a vós que me dirijo. Vós não levastes nenhum combate em que eu não estivesse convosco. Quanto a mim, perigos que passei sozinho nenhum de vós compartilhou. (2) E certamente, nos combates comuns, mesmo se lutásseis bem, nada de importante resultou. Nos perigos que enfrentei sozinho, na verdade, se vencesse, seria alcançado o fim para que viemos aqui, mas se fracassasse, eu seria apenas um homem entre as

Antístenes de Atenas
Os discursos de Ájax e Odisseu, que disputam as armas de Aquiles
Tradução de Carlos de Almeida Lemos

perdas. Pois não viemos aqui a fim de lutar contra os troianos, mas para retomar Helena e nos apoderar de Tróia. (3) E tudo isso dependia dos perigos que enfrentei sozinho. Não era oracular que seria impossível tomar Tróia, se primeiro não se trouxesse a estátua da deusa que tinha sido roubada de nós, e quem é que trouxe a estátua aqui senão eu? Este ser que tu consideras sacrílego. Tu não tens bom juízo, aquele que recuperou a estátua da deusa e não Alexandre, o que a roubou de nós, chamas de sacrílego. (4) Que Tróia seja tomada são todos teus votos, mas a mim, que achei como tomá-la, chamas de sacrílego? E certamente seria belo tomar Ílion e seria igualmente belo encontrar a causa disso. Quando os outros são gratos a mim, tu me reprovias. Pois, por ignorância, não fazes juízo dos meus benefícios. (5) Eu, de minha parte, não reprovos tua ignorância. Involuntariamente, pois, tu e todos os outros sentis assim. Porém, a minha reprovação vai por não te persuadires que te salvei com meus feitos e por ameaçardes de fazer mal aos presentes, se votassem por mim quanto às armas. E muitas vezes farás muitas ameaças, antes de fazer o menor ato. Mas se for verdade que é necessário tirar conclusões a partir de índices, parece-me que, por causa de tua má cólera, vais te fazer mal a ti mesmo. (6) E a mim, por ter feito mal aos inimigos, reprovias a covardia; mas tu eras tolo em se esforçar vã e manifestamente, ou, por que estavas com todos então, julgavas ser o melhor? Em seguida me falas acerca da virtude? Primeiro, tu não fazes juízo de como é preciso lutar, mas, como um selvagem levado pela cólera, um dia, por inepto, te matarás transpassado. Não fazes juízo de que o homem bom não deve sofrer qualquer mal nem de si próprio, nem do companheiro, nem dos inimigos? (7) Como as crianças, tu te agradas que te digam que és corajoso. Para mim tu és o mais covarde de todos e o que teme mais a morte; aquele que, de saída, porta armas indestrutíveis e invulneráveis, que, dizem, te tornam invulnerável. Então, o que farias se um inimigo portando as mesmas armas te atacasse? Que belo e maravilhoso seria, se nenhum dos dois pudesse fazer nada. Então vês a diferença entre portar tais armas e ficar sentado no interior das muralhas? Para ti só não há muralhas, pelo que tu revelas; tu és o único então assim a voltear garantido por uma muralha de sete couros de boi; (8) eu, ao contrário, sem armas, não vou para perto da muralha dos inimigos, mas para o interior mesmo da muralha, e acordadas as sentinelas dos inimigos, pego suas armas, e sou general e guardião, tanto para ti como para todos os outros, sei o que se passa aqui e entre os inimigos, sem enviar qualquer outro para estudar o terreno, mas eu mesmo, como os pilotos vigiam noite e dia a fim de livrar do perigo os marinheiros, assim também eu te livro do perigo e a todos os outros. (9) Não há situação perigosa de que tenha fugido, mesmo achando-

Antístenes de Atenas
Os discursos de Ájax e Odisseu, que disputam as armas de Aquiles
Tradução de Carlos de Almeida Lemos

a vergonhosa, se nela pudesse fazer mal ao inimigo; não era por desejo de me mostrar para os que me viam que ousava; mas fosse como escravo, como mendigo, como flagelado, se pudesse fazer mal ao inimigo, poria a mão sobre ele, e não para ser visto. Não é parecer, mas atacar sempre, dia e noite, o que quer a guerra. Eu não apresento as armas, quando convido os inimigos para a luta, mas para o modo que for desejado, seja por um ou por muitos, estou sempre pronto. (10) Quando estou cansado de lutar, não entrego, como tu, as armas a outros, mas no momento em que os inimigos cessam de lutar, os ataco à noite, portando de tais armas a que lhes causará os maiores danos. Nada jamais a noite me impediu, como tu, contente, tantas vezes cessassem as lutas; mas quando tu roncas, nesse momento mesmo te livro do perigo e produzo sempre o mal para os inimigos, portando essas armas de escravo, esses andrajos, esses chicotes, graças aos quais tu dormes em segurança. (11) Tu te achas corajoso porque carregou o cadáver? Se tu não pudesses carregar, dois homens o carregariam, então esses igualmente disputariam conosco acerca da virtude. Eu, na verdade, faria para eles o mesmo discurso. Tu, o que terias a dizer para disputar com eles? Se fossem dois não te preocuparias de concordar que és mais covarde que eles, mas teria vergonha se fosse um? (12) Não entendes que não é o cadáver que os troianos tinham por fim levar, mas as armas? Pois aquele, na verdade, iam devolver, das armas iam fazer uma oferta sagrada aos deuses no templo. Não carregar os cadáveres não é vergonhoso, mas é não entregá-los para as cerimônias fúnebres. Tu fizeste o que já estava realizado. Eu retirei aquilo que seria motivo de reprovação. (13) Estás doente de inveja e de ignorância, que são males extremamente contrários entre si; uma te faz desejar as coisas belas, a outra te afasta delas. É um erro humano aquele que tu sofres; porque és forte, julgas ser também corajoso, não fazes juízo de que a força pura e simples não é o mesmo que a sabedoria e a coragem na guerra, e que a ignorância é o mal maior para aqueles que são afetados por ela. (14) Suponho, na verdade, que um dia então surja um poeta sábio acerca da virtude, a mim me produzirá como muito sofredor, muito arteiro, muito esperto e destruidor de cidades que sozinho tomou Tróia, a ti, como eu mesmo suponho, comparando aos asnos indolentes e aos bois de pasto, permitindo aos outros que os acorrente ou ponha sob jugo.

[Recebido em dezembro de 2009; aceito em dezembro de 2009.]